

F60 **Versão Oficial –Simonal**
ESTÚDIO F - programa número 60

ÁUDIO

TEXTO

Música-tema entra e fica em BG;

Locutor - A Rádio Nacional apresenta
ESTUDIO F,
Momentos Musicais da Funarte

Apresentação de Paulo César Soares

Paulo César :

- Alô, amigos! No programa de hoje, um dos nomes mais controvertidos da história da Música Popular Brasileira. Showman irresistível, capaz de transformar o público num imenso coral, esse cara passeou com desenvoltura por diversos gêneros musicais e colecionou pioneirismos. O principal deles foi tornar-se o primeiro negro brasileiro a alcançar o ponto mais alto do show business, a vender milhões de discos e a cantar para multidões.

Entra “Vamos S’imbora”. Trecho inicial: “ô ô ô Vamos S’imbora dançar, festa tá muito boa, não deixa ela se acabar”. Nesse ponto, cai em BG e permanece durante a fala de Paulo César. (Faixa 12 do CD Simonal, que está dentro do CD com capa branca escrito Simonal a caneta na capa)

Paulo César: - S’imbora curtir o Estúdio F – Série Intérpretes! O som do rei da pilantragem está de volta! No ar, a ginga, o balanço e o swing de Wilson Simonal!

Sobe o som e rola inteira.

Paulo César:

- Ao nascer no subúrbio de Água Santa, no Rio de Janeiro, em 16 de fevereiro de 1939, o filho do radiotécnico Lúcio Pereira de Castro com a doméstica Maria Silva receberia o nome de Wilson Simonard de Castro. Simonard era o sobrenome do médico francês que ajudava a família carente do futuro cantor a se manter. Só que a homenagem foi por água abaixo, pois o tabelião errou o registro do nome da criança e Simonard passou a ser Simonal. Para o nome artístico a troca de letras funcionou. O sobrenome Castro foi deixado de lado e, assim, nasceu a lenda Wilson Simonal que, ao lado de Roberto Carlos, foi o cantor mais popular do Brasil no final dos anos 60 e início dos anos 70. O sucesso de Simonal foi tanto nessa época que, em 1969, por exemplo, ele levou 20 mil pessoas ao delírio no Maracanãzinho num show que nem era dele e, sim, de Sérgio Mendes, que fazia seu retorno triunfal ao país depois de estourar na Europa e nos Estados Unidos. Simonal estava ali apenas para abrir o show do astro principal, mas o público exigiu que ele voltasse ao palco, enquanto Sérgio tocava uma versão em inglês para "Sá Marina". Para felicidade geral da nação, Simonal entrou em cena novamente, cantando em português a segunda parte da música de Antônio Adolfo e Tibério Gaspar, um de seus maiores sucessos.

Entra "Sá Marina" (CD 2 BIS BOSSA NOVA WILSON SIMONAL, FAIXA 12) e rola inteira.

Paulo César: - Bem antes de estourar na música, Simonal cantava mesmo era nas reuniões e nas festas da companhia do oitavo Grupo de Artilharia da Costa, no qual serviu por três anos e chegou a ser cabo. Certa vez, por ocasião da visita de uma alta patente do exército norte-americano aos quartéis cariocas, o comandante do quartel solicitou a Simonal que cantasse em homenagem ao visitante. Ao ouvir a música “Banana Boat Song”, o militar ficou tão emocionado que presenteou o regimento com uma televisão para que os soldados pudessem assistir aos programas que o cabo agora cantor apresentava na TV Record na década de 60. Aliás, ele foi o primeiro negro a apresentar um programa de TV. Uma das atrações que comandou foi o “Show em Si...Monal” no qual o artista apresentava números musicais com os contratados da emissora e também duetos com artistas populares como Jackson do Pandeiro e Orlando Dias. Além disso, contava piadas, fazia imitações e interagia com o público. Ali, ele podia ser um recruta biruta como na música de Alberto Ribeiro, Antônio Almeida e Nássara.

Entra “Recruta Biruta” e rola inteira. (Faixa 4 do CD Simonal, que está dentro do CD com capa branca escrito Simonal a caneta na capa)

Paulo César: - A repercussão do “Show em Si...Monal” fez com que o cantor se tornasse um dos maiores salários da TV. O artista alcançava uma condição bem diferente daquela de tempos difíceis como na época em que deu baixa no exército. Sobre essa fase dura, fez a seguinte declaração: “Morava em Nova Iguaçu e, muitas vezes, fui obrigado a dormir na rua. Os dois ternos que eu tinha já não davam para o gasto. E o dinheiro já tinha pedido demissão do meu bolso há muito tempo”.

Para descolar algum, Simonal se apresentava em shows, interpretando calypsos e rocks em inglês. Simultaneamente, era também crooner do conjunto Dry Boys, transferindo-se depois para o conjunto Os Guaranis, com o qual se apresentava em bailes de clubes. Numa dessas performances foi descoberto por Carlos Imperial que o levou para cantar em seu programa chamado “Os Brotos Comandam”. Simonal acumulava ainda a função de secretário de Carlos Imperial, mas seu suíngue natural, amparado por sua voz afinada e com um timbre belíssimo, alçou-o a condição de um dos destaques do programa. Logo, ele abandonou o bloco no qual anotava horários, nomes e telefones para gravar um compacto simples na Odeon que trazia o chá-chá-chá “Teresinha”, composto por Carlos Imperial, autor também de outro de seus grandes sucessos: “Mamãe Passou Açúcar em Mim”.

Entra “Mamãe Passou Açúcar em Mim” (CD 1 BIS BOSSA NOVA WILSON SIMONAL, FAIXA 13) e rola inteira.

Paulo César:

- O talento exibido por Simonal chamou a atenção da dupla Miéle e Ronaldo Bôscoli que o levou para apresentações no Beco das Garrafas em Copacabana. Lá, que era um dos cenários da bossa-nova, Simonal chegou para fazer uma participação no pocket-show que Marli Tavares e o grupo Bossa Três apresentavam no Little Club. Uma semana depois, já era a grande atração do espetáculo. Nesse período, o cantor foi influenciado pelo coreógrafo Lenny Dale que, ao dirigir espetáculos no Beco das Garrafas, trouxe elementos do profissionalismo americano com seus ensaios exaustivos e um jeito de cantar que aproximava o samba mais da Broadway que do jazz, gerando uma estética exuberante bem oposta ao minimalismo de João Gilberto. A partir dessas informações, Simonal construiu um estilo próprio que não ficaria preso às amarras formais do cantar contido que dava o tom na época. Mesmo assim, seu primeiro grande sucesso foi a bossa-nova “Balanço Zona Sul”, composição de Tito Madi.

Entra “Balanço Zona Sul” (CD 2 BIS BOSSA NOVA WILSON SIMONAL, FAIXA 1) e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Simonal vira o rei da pilantragem, torna-se ídolo nacional e faz show pra seleção Brasileira.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F, Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

BLOCO 2

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “Balanço Zona Sul”, rapidamente cai em BG (bem baixinho mesmo) e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - Depois de seu LP de estréia intitulado “Tem Algo Mais”, lançado em 1963, Simonal emplacou, no ano seguinte, o disco “A Nova Dimensão do Samba”. O trabalho traz uma mistura de samba com a música pop negra americana, além de intenções jazzísticas em interpretações inovadoras. Por essas características, o álbum é considerado pela crítica especializada como um marco da MPB pós-Bossa Nova. Outro ponto importante deste LP são as orquestrações criativas de Lyrio Panicelli, Erlon Chaves e Eumir Deodato, revelando uma preocupação que Simonal sempre teve de se cercar de ótimos músicos, a fim de obter bons arranjos, algo de que nunca abriu mão, seja em composições bem-humoradas como “Mamãe passou Açúcar em Mim” ou nas sofisticadas como “Naná” de Moacir Santos e Mário Telles.

Entra “Naná” (CD 1 BIS BOSSA NOVA WILSON SIMONAL, FAIXA 4) e rola inteira.

Paulo César: - Os LPs “S’imbora” e “Wilson Simonal”, lançados pelo cantor em 1965, mantiveram os arranjos grandiosos para clássicos como “Se Todos Fossem Iguais a Você” de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, mas seu vozeirão encorpado já começa a mostrar a ginga do subúrbio carioca. É nessa fase que Simonal abandona um pouco a sofisticação e começa a mostrar o seu potencial de ídolo das multidões. A intenção do artista era combater a inexpressividade da MPB que, segundo ele, carecia de potencial comunicativo. Por isso, apostou em um tipo de trabalho que se comunicasse com as pessoas, fazendo-as dançar e cantar ao som de músicas brasileiras, numa época em que as boates só tocavam sucessos estrangeiros. Esse foi o tom do LP “Vou Deixar Cair”, lançado por Simonal em 1966. Entram em cena os arranjos de César Camargo Mariano, que passou a ser o responsável pelas concepções que os discos do cantor teriam dali em diante. As orquestras dão lugar ao grupo Som Três, formado pelo próprio César ao piano, Sebastião Oliveira de Paz – o Sebá - no baixo e Antônio Pinheiro Filho – o Toninho – no ritmo. Nascia assim o estilo denominado pilantragem que, como César Camargo Mariano declarou em entrevistas, era usado para designar algo como a velha malandragem do samba. Essa pilantragem não tinha nada de pejorativo e se fez presente em canções como “Carango”, samba-jovem balanceado de Carlos Imperial e do maranhense Nonato Buzar.

Entra “Carango” e rola inteira. (Faixa solta do CD com capa branca escrito Simonal a caneta na capa)

Paulo César:

- O ritmo da pilantragem estourou e Simonal é contratado pela Shell para estrelar suas campanhas comerciais. Pela primeira vez, um negro brasileiro, além de Pelé, tinha - a peso de ouro - sua imagem associada a uma empresa estrangeira. Na época, foi lançado também o boneco MUG que o cantor apresentava em seu programa como sendo seu amuleto. Rapidamente, o MUG virou febre nacional e chegou até a estar presente no nome de um dos espetáculos do artista, intitulado "O Magnífico Simonal". O show, com a chancela da dupla Miéle e Bôscoli, foi um estrondoso sucesso no Teatro Princesa Isabel do Rio de Janeiro em 1968. Era tanta gente querendo entrar, que se fez necessária a presença da polícia para controlar o público na última temporada. No espetáculo, Simonal fazia piada sobre os norte-americanos e falava dos problemas raciais. Dizia que para que o negro fosse aceito no Brasil precisava ser um bom jogador de futebol ou artista. Em seguida, emendava a canção "Tributo a Martin Luther King", sua música mais engajada, que compôs em parceria com Ronaldo Bôscoli.

Entra "Tributo a Martin Luther King" e rola inteira. (Faixa solta do CD com capa branca escrito Simonal a caneta na capa)

Paulo César:

- De 1967 a 1969, Simonal lançou quatro discos como o nome “Alegria, Alegria” que refletem bem o momento profissional que o artista vivia. Era uma fase de turnês vitoriosas por toda a América Latina e de espetáculos triunfantes por todo país, além de números impressionantes em termos de vendas de LPs. Era tanto sucesso que Simonal, na época da Copa de 1970, chegou a ser tão popular no México quanto à seleção brasileira. Enquanto Pelé brilhava nos gramados, Simonal superlotava shows em Guardalajara, onde era parado nas ruas para dar autógrafos. Na ocasião, fez um espetáculo para os craques na concentração. Com a conquista da taça, Simonal retorna ao Brasil consagrado e oficializado como pé quente. Na onda ufanista que toma conta da nação, o cantor bota todo mundo pra dançar ao som de “País Tropical”, de Jorge Benjor.

Entra “País Tropical” e rola inteira. (Faixa solta do CD com capa branca escrito Simonal a caneta na capa)

Paulo César: - No próximo bloco, Simonal cria gírias e modismos, sofre acusações de delação e tem sua música recuperada por seus filhos.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F, Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

BLOCO 3

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “País Tropical”, rapidamente cai em BG (bem baixinho mesmo) e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César:

- A música “País Tropical” revela uma faceta curiosa de Simonal que era sua capacidade de difundir e criar gírias que rapidamente eram incorporadas ao vocabulário popular. Foi dele a idéia de cortar as palavras ao interpretar a canção de Jorgen Bem e, assim, surgiu, por exemplo, o termo patropi, uma maneira simpática e debochada de se referir ao país sem liberdades do regime militar. Outras expressões usadas por Simonal absorvidas pela fala cotidiana e reproduzidas até hoje nas conversas são “você pode se machucar”, “deixar cair” e “nem vem que não tem”, esta, aliás, nome de um dos clássicos da pilantragem composta por Carlos Imperial.

Entra “Nem Vem Que Não Tem” e rola inteira. (Faixa solta do CD com capa branca escrito Simonal a caneta na capa)

Paulo César: - A popularidade de Wilson Simonal começou a cair em 1971, a partir da vinculação do nome do cantor à repressão política. Para se defender das acusações de delação, Simonal apontava para o racismo que havia na perseguição que lhe imputavam. Chegou a fazer a seguinte declaração: “Fui o primeiro negro contratado como garoto-propaganda. Só depois da Copa do mundo de 1970 é que veio Pelé. Presidi o Júri do 4º Festival da Canção. O meu show foi o mais aplaudido e conseguimos manter a platéia calma, não com repressão, mas com qualidade de show. Depois, as coisas começaram a dar errado. Creio que ser negro e bem-sucedido no Brasil é um pouco perigoso”. Banido pela classe artística, gravadoras e emissoras de rádio e TV, Simonal passou o resto da vida defendendo-se da pecha de ded-duro, tentando mostrar que seu negócio não era político e, sim, cantar música boa como “Lobo Bobo” de Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli.

Entra “Lobo Bobo” (CD 1 BIS BOSSA NOVA WILSON SIMONAL, FAIXA 6) e rola inteira.

Paulo César: - A partir de 1998, houve uma movimentação no sentido de absolver moralmente Simonal. A advogada Sandra Manzini Cerqueira, esposa e agente artística do cantor, obteve documentos que comprovavam a inocência. A Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Centro de Inteligência do Exército e a Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça forneceram declarações confirmando a NÃO existência de registros de Wilson Simonal de Castro nas fileiras colaboracionistas do regime militar.

Entra “Rapaz de Bem” (CD 2 BIS BOSSA NOVA WILSON SIMONAL, FAIXA 5) e rola inteira.

Paulo César:

- O grande cantor, capaz de interpretações antológicas como a que acabamos de ouvir para “Rapaz de Bem” de Jhonny Alf, morreu no dia 25 de junho de 2000, aos 61 anos, vítima de falência múltipla dos órgãos, ocasionada por uma insuficiência hepática profunda. Apesar de ter partido vendo toda a movimentação de limpeza da sua imagem, não pôde acompanhar o trabalho feito por seus filhos no sentido de recuperar o que ele tinha de mais precioso, que era sua música. Com a ajuda do irmão Max de Castro, Simoninha – filho mais velho de Simonal – produziu uma caixa reunindo oito CDs compreendendo toda a fase do cantor na Odeon, de 1961 a 1971. Do primeiro ao último disco, nota-se que o artista nunca abandonou a preocupação de alcançar novos caminhos sonoros, provando que popularidade e qualidade musical podiam andar juntas.

Entra “Zazueira” e rola inteira (Faixa solta do CD com capa branca escrito Simonal a caneta na capa).

Entra música-tema do Estúdio F e fica em BG;

O programa de hoje foi escrito pelo jornalista Cláudio Felício. O Estúdio F é apresentado toda semana pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e na Rádio Nacional de Brasília, emissoras Radiobras. Os programas da série também são uma das atrações do Canal Funarte. Acessem a nossa rádio virtual. O endereço é www.funarte.gov.br/canalfunarte. Cultura ao alcance de um clique! Você também pode ouvir o programa pelo site da Radiobras: www.radiobras.gov.br

Quem quiser pode escrever para nós, o endereço é:
Praça Mauá número 7 - 21 andar
Rio de Janeiro - CEP/ 20081-240
Se quiser mandar um e-mail, anota aí:
estudiof@radiobras.gov.br

Paulo César: - Valeu Pessoal!
Até a próxima!!!

ENCERRAMENTO / FICHA TÉCNICA